

Feira livre: antítese do modelo hegemônico de comercialização¹

Jeferson Marques da Silva²
Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil
Endereço eletrônico: jefersonm@academico.ufs.br

Sônia de Souza Mendonça Menezes³
Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil
Endereço eletrônico: sonia.menezes@academico.ufs.br

350

Palavras-chave: Ambientes alimentares. Agronegócio. Alimentação saudável. Feira livre

INTRODUÇÃO

Desde a inserção do paradigma da Revolução Verde no espaço rural brasileiro, o modo de produzir alimentos vem sendo modificado. Ele “reciclou a retórica do ‘alimentar o mundo’ ao promover novas variedades de alto rendimento de sementes híbridas [...] – dependentes de agroquímicos [...], irrigação e mecanização – como essenciais à modernização agrícola” (McMichael, 2016, p. 57). Tal modelo, aliado a políticas neoliberais, tem contribuído para a “industrialização da agricultura, assim colocando em risco a herança genética, cultural e ambiental de nosso planeta, bem como nossa saúde” (*ibid*, 2016, p. 85). Além disso, estruturou os sistemas alimentares globalizados que passaram a ser comandados pelas grandes corporações.

Matioli e Peres (2020, p. 15) asseveram que “um sistema alimentar controlado por corporações nos expõe a assimetrias de poder, a impactos sociais e trabalhistas, agrava a desigualdade entre ricos e pobres”. Considerando a influência desse sistema desde a produção até a comercialização dos alimentos a partir da análise integrada de suas etapas, Cruz (2017) defende que o modelo produtivo adotado pelo Brasil, privilegia o

¹ Este trabalho resulta da Dissertação de Mestrado intitulada: *O avanço do agronegócio em Nossa Senhora de Lourdes/SE: dissipação dos cultivos tradicionais e desfiguração da cultura alimentar*, defendida em 24/02/2023, no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PP GEO/UFS. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18681>

² Doutorando em Geografia - Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentos e Manifestações Tradicionais (GRUPAM).

³ Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PP GEO/UFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentos e Manifestações Tradicionais (GRUPAM).

Realização:



Apoio:



agronegócio e, por conseguinte, infringe a “segurança alimentar em razão da substituição das culturas alimentares por *commodities*, assim como a violação da soberania alimentar em razão do desrespeito às práticas culturais e tradições alimentares” (Cruz, 2017, p. 102). Percebe-se que essa realidade tem se espalhado e está presente em vários municípios brasileiros.

O município de Nossa Senhora de Lourdes/SE segue essa lógica produtiva de substituição das culturas alimentares como o arroz, feijão e mandioca, com a expansão do monocultivo do milho. Isso torna esse território dependente de outros municípios para ter acesso aos alimentos que compõem a dieta da população.

Em um contexto em que alimentos são transformados em mercadorias e a disponibilidade de alimentos *in natura* torna-se cada vez mais escassa, a feira livre, segundo Menezes (2021), tem se constituído em um espaço de resistência, uma antítese ao modelo hegemônico de comercialização. Diante dessas evidências, o objetivo da presente pesquisa é analisar os ambientes alimentares existentes no município, destacando a importância da feira livre como espaço de comercialização de alimentos *in natura*.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se efetivou a partir do levantamento bibliográfico, do levantamento empírico e da análise e sistematização dos dados. Inicialmente foi realizada a revisão bibliográfica de artigos, dissertações, teses e livros que envolvem a temática. Autores como McMichael (2016), Cruz (2017) e Matioli; Peres (2020) embasam a análise sobre os sistemas alimentares e Dantas (2008) e Menezes (2021) apresentam discussões sobre a feira livre e a sua importância no contexto atual. Em seguida, realizou-se a aplicação das entrevistas semiestruturadas com proprietários de estabelecimentos que comercializam alimentos (15 participantes), feirantes e consumidores (18 participantes cada grupo). Por fim, o conjunto dos dados coletados em campo e analisados juntamente com o arcabouço teórico conduziram a escrita deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente o Brasil é um dos maiores exportadores de *commodities* do mundo e apresenta alinhamento ao modelo produtivo hegemônico, contudo, a dependência desse

modelo traz várias complicações, dentre elas as relacionadas à soberania e segurança alimentar e nutricional dos territórios. Esse alinhamento, associado ao interesse e as demandas do mercado externo, é percebido em todas as escalas geográficas, da nacional à local. Tal padronização vem contribuindo para a extinção dos cultivos consorciados responsáveis pela diversidade de alimentos. A redução e, conseqüentemente, a extinção de áreas reservadas ao plantio de alimentos pode ser percebida no espaço rural do município de Nossa Senhora de Lourdes.

Tais alterações, além de inviabilizar a produção de alimentos outrora cultivados nesse município – arroz, feijão e mandioca, impactando na soberania alimentar, provoca alterações na cultura alimentar da população. Tal fato foi constatado por meio das entrevistas realizadas. “*A nossa comida era mais o arroz, o feijão, tinha carne que geralmente era cozida ou assada. Como a gente tinha o arroz de grandeza, era comum fazer o arroz de leite ou o arroz doce. Era muito saboroso! Hoje as comidas estão um pouco diferentes*” (Consumidor 1, Sede municipal, set./2022). É notória a importância que esses alimentos tinham para a população local que narra alterações no consumo dos alimentos.

No Brasil, as discussões em torno desses ambientes vêm alcançando notoriedade em virtude da situação da insegurança alimentar e o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados. Sanches *et al.* (2018, p. 398) asseveram que “o ambiente alimentar tem recebido destaque na investigação de padrões alimentares, considerando que o acesso e a disponibilidade de alimentos têm mostrado associação com comportamentos alimentares e estado nutricional da população”.

Com base nos tipos de estabelecimentos que comercializam alimentos neste município identificados na pesquisa, a saber: “**Estabelecimentos de aquisição de In Natura – Tipo 1** (quitanda e feira livre); “**Estabelecimentos de aquisição de Ultraprocessados” – Tipo 2** (pizzaria, lanchonetes e supermercado) e “**Estabelecimentos Mistos” - Tipo 3** (mercearia, panificação, restaurante, laticínios/carnes/frios), observou-se o predomínio de estabelecimentos do Tipo 3 e que os alimentos comercializados em estabelecimentos de aquisição *In Natura* não são cultivados no município. Eles são acessados pelos consumidores via as feiras livres realizadas (na sede municipal e no povoado Escurial).

Apesar da orientação dada pelo Guia Alimentar para a População Brasileira para evitar produtos industrializados, é notória a oferta no comércio local. A constância dos

produtos ultraprocessados nesses ambientes alimentares influenciam as escolhas da população no tocante ao consumo dos alimentos adequados e saudáveis. Constatase, por meio das entrevistas realizadas no trabalho de campo, que essas alterações vêm sendo percebidas pelos consumidores entrevistados, como pode ser observado no trecho a seguir:

Antigamente a gente tinha o costume de plantar muitos dos alimentos que eram consumidos pela nossa família. Lembro que meu pai plantava fava, arroz, feijão mandioca. Com o milho a gente fazia o cuscuz de milho ralado, era muito gostoso. E a farinha que a gente produzia nas casas de farinha que existiam por aqui. Mas hoje não temos isso mais. A modernidade mudou tudo isso. (Consumidor 2, Sede municipal, set./2022).

Diante desse cenário, a feira livre, mercado varejista onde são comercializados as hortaliças, as frutas, as verduras, os tubérculos, as leguminosas como o feijão, fava, e os derivados da mandioca como a farinha e os beijos, se constitui em um ambiente alimentar importante para a população, em virtude do acesso aos alimentos que favorecem uma alimentação adequada e saudável. Dantas (2008), analisando o papel das feiras, assevera que elas “se apresentam como formas cristalizadas nas cidades e um locus de resistência às mudanças ocorridas no plano da comercialização, distribuição e consumo” (Dantas, 2008, p. 99). Corroborando com essa discussão, Menezes (2021) assevera que as feiras conformam em alguns municípios como único espaço no qual se comercializa os alimentos *in natura*. Por conseguinte, no município de Nossa Senhora de Lourdes de modo semelhante às discussões impetradas pelos autores a feira tem se configurado como uma contraofensiva ao atual modelo varejista hegemônico no qual dominam os produtos ultraprocessados em contraposição aos alimentos saudáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto dos ambientes alimentares, destaca-se a feira livre como espaço de acesso à alimentação saudável, onde a população tem acesso aos alimentos *in natura* ou minimamente processados. Assim, considera-se que a feira livre se constitui como um espaço de resistência frente ao modelo hegemônico de comercialização. Entretanto, os alimentos comercializados nesse espaço são oriundos de outras localidades do estado ou até mesmo de outros estados brasileiros, visto que o município tem perdido a sua autonomia produtiva no tocante ao cultivo de alimentos para o consumo local diante do

Realização:



Apoio:



avanço do agronegócio do milho, considerado como uma mercadoria destinada ao abastecimento de outros lugares.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Renata Medeiros da. **O cenário agrícola goiano: a dicotomia agronegócio x agricultura familiar**. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, p. 87-101, 2008.

MATIOLI, Victor; PERES, João. Donos do mercado: como os grandes supermercados exploram trabalhadores, fornecedores e a sociedade. São Paulo: Elefante, 2020.

MCMICHAEL, Philip. Regimes alimentares e questões agrárias. Trad. Sonia Midori – 1 ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora da UFRGS, 2016.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Feiras em Sergipe: domínio da cultura e comercialização em multiplicidades de tempos. In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Vamos às feiras!: Cultura e ressignificação dos circuitos curtos**. 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

SANCHES, Lucas Daniel *et al.* Desenvolvimento e validação de instrumento para avaliar o impacto de um programa de intervenção em comércios de alimentos em área de deserto alimentar. **Geografares**, n. 25, p. 396-411, 2018.